|  |  |
| --- | --- |
|  | **Prefeitura Municipal de Florianópolis**  **Secretaria Municipal de Educação**  **Curso de Formação PNAIC**  **Programa Alfabetização na Idade Certa** |

Relatos de Memórias da Prática Pedagógica

Referente aos cadernos de Formação das Unidades V e Vl

|  |
| --- |
| Escola: EBM Luiz Cândido da Luz e EBM Herondina Medeiros Zeferino |
| Orientadora de estudo do seu grupo: Enelize Ouriques Ribeiro |
| Professor/a cursista: Gesiel Pereira da Silveira |
| Ano/s em que atua: 2º 21 matutino e 2º 24 vespertino Número de alunos: 22 e 23 |
| Número de alunos com necessidades especiais: 00 Qual? ------------ |
| Nível de formação do professor cursista: Especialização |

No dia 17/09/13, minha rotina em sala de aula mais uma vez foi quebrada; parti para mais uma do formação mensal do PNAIC.

Chegando lá, no período matutino, vivenciei algumas rotinas importantes e qualificadoras, tais como: Informes administrativos do curso para nos interar e esclarecer algumas dúvidas sobre o andamento do mesmo; leitura deleite e leitura do registro do encontro anterior, para nos relembrar o trajeto percorrido no encontro anterior e, a hora do lanche, momento de reoxigenação do cérebro e interação com o(a)s colegas. Creio que estas rotinas são muito importantes para o momento inicial do encontro. Dando continuidade à formação, nossa orientadora de estudos, Enelize, fez a devolutiva dos relatos de memória e planejamentos, tendo como base alguns deles produzidos pela turma, nos encontros anteriores. Esta atividade foi muito esclarecedora, pois, apontou algumas limitações e vislumbrou novas possibilidades para a produção destes documentos; a partir das nossas próprias produções. Ainda neste encontro, fizemos a análise de percurso de apropriação do S.E.A.; atividade esta, importantíssima para a avaliação diagnóstica, ou seja, dados norteadores para o planejamento significativo da nossa prática pedagógica focada na alfabetização e no letramento. Na sequência, Enelize nos apresentou um planejamento referência para intervenção. Nele visualizamos novas possibilidades para sua otimização e aplicabilidade, baseados em alguns autores estudiosos do tema. Entendi esta prática não como imposição, mas como possibidades que permeiam ação-reflexão-ação do(a) professor(a). Após o lanche, tivemos os informes quanto a preenchimento de dados da turma no site do SIMEC, trabalho este contestado por mim, pois acho que não cabe ao professor a coleta de dados estatísticos do senso escolar. Isto gera uma sobrecarga de trabalho, desvio de função e, consequente desqualificação do trabalho docente.

Em seguida, a avaliação entrou em pauta, sendo apresentada uma nova forma de escrevê-la, priorizando uma atividade diagnóstica que resgate os conteúdos e conceitos trabalhados durante o planejamento. Na minha opinião esta visão e prática já vem sendo implementada na rede, no entanto, o reforço e a apresentação de novas possibilidades aplicação contribui e muito para a otimização da mesma. No período vespertino, retomamos e finalizamos a análise do planejamento referência. Em seguida, nos foi proposto pela Enelize a leitura, reflexão e socialização do texto “Por que ensinar gêneros textuais na escola?” contido nos cadernos dos anos 1, 2, 3 nas suas respectivas páginas seis, sete, oito e nove. Eu utilizei nesta atividade meu caderno ano 2, unidade 5, entitulado “O trabalho com gêneros textuais na sala de aula”. Nesta atividade pude reconhecer e compartilhar novas práticas, experiências e sentimentos do(a)s colegas em relação ao trabalho com gêneros textuais na sala de aula; foi muito produtivo. Ainda, nos cadernos da unidade 5 do ano 1 páginas 15 a 28 e ano 2 páginas 11 a 29 trabalhamos a modalidade organizativa projeto. Para mim, que tinha pouca experiência nesta modalidade organizativa, esta atividade vislumbrou novas possibilidades de trabalho para a minha prática pedagógica. Durante as reflexões do encontro a supervisora Mônica fez uma observação que me chamou muita atenção; ela falou que o gênero textual fábula não é aconselhável para refletir e analisar o sistema de escrita, mas sim as adivinhas. Além disso, ela comentou que “Espiral” é quando vai complexificando um determinado gênero e, que Markusky escreve sobre: tipologia, suporte e gênero (textual). Estes comentários, embora curtos, contribuíram para o aumento do meu repertório de conhecimentos. Ao final, foi proposto, como tarefa pôr em prática o projeto do caderno do 2º ano unidade 5 página 11. Este encontro foi muito produtivo para a minha prática pedagógica, pois ampliou meu repertório de conhecimentos em relação a modalidade organizativa projeto, o trabalho com gêneros textuais, planejamento e avaliação. Passados alguns dias, em 22/10/13, tivemos mais um encontro de formação do PNAIC e, no seu início, tanto na parte da manhã como da tarde, tivemos as mesmas atividades de rotina relatados anteriormente. Após, a orientadora de estudos, Anelise, propôs a leitura dos objetivos da unidade 6 do caderno do ano 2, caderno intitulado “Planejando a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento”. Finalizada a relevante atividade anterior tivemos a socialização dos projetos que estavam em construção ou em aplicação. Esta atividade me proporcionou a reflexão da modalidade organizativa projeto, estudada no encontro anterior; vislumbrando-me referenciais para a produção estrutural do meu projeto em cumprimento à tarefa deste curso. Em seguida, foi feita a leitura das sequências didáticas, registro de suas observações e socialização. Para mim, esta atividade foi muito significativa, pois revelou a modalidade organizativa sequência didática de forma ampla em seu estudo, elencando sua estrutura, características, especificidade e eficácia no planejamento para a otimização da prática pedagógica.

Dando continuidade aos trabalhos, a orientadora de estudos Enelize propôs uma atividade muito interessante e esclarecedora, em relação as diferenças e similaridades entre as modalidades organizativas projeto e sequência didática. Recebíamos um fragmento de texto sobre uma característica de uma modalidade organizativa desconhecida, o desafio era identificar a qual modalidade pertencia àquela característica (projeto, sequência didática ou as duas) e escrevê-la na coluna da tabela correspondente à modalidade do painel. Na minha opinião esta atividade foi extraordinária, pois nos fez refletir e confrontar sobre as características de cada modalidade, fomentando uma aprendizagem significativa sobe cada uma. No final do encontro recebemos os quadros com os gêneros textuais e visualizamos slides sobre o mesmo conteúdo; reforçando e ampliando nossos conhecimentos os mesmos na prática pedagógica de alfabetização e letramento. Para mim, este encontro foi muito positivo porque apresentou reflexões sobre temas pertinentes à prática pedagógica, articulando-os aos estudados nos encontros anteriores, tornando-os significativos. Em relação ao encontro do PNAIC que tratava a educação especial, tive uma boa impressão ao perceber que nas palestras sobre o tema, além do trabalho com a fundamentação teórica e legal da educação especial, abriu-se um espaço para que o(a)s professore(a)s participassem do debate. No entanto, me preocupei com o sentido em que o poder público deu à “inclusão”. Entendi que a meta principal era pôr crianças com necessidades especiais no ensino regular, não se preocupando muito com as condições estruturais, profissionais, materiais e clinicas para acolhimento, acompanhamento e desenvolvimento psico-físico-social destas crianças na escola. Na falta destas condições não se forma cidadãos. Então, em relação a quase tudo que ouvi sobre inclusão atribuo à integração. Pude perceber, em relação à educação especial, um processo de culpabilização dos professores e desobrigação do poder público.